

A simbologia das cidades no literário

Viviane Brito Rodrigues¹

Resumo: Esta proposta tem como objetivo propor uma reflexão acerca do símbolo das cidades na obra *As cidades invisíveis* (1990) do escritor Italo Calvino. Com base nesse recorte iremos evidenciar as cidades que são ditas como invisíveis e que recebem nomes femininos, e também a literatura como escape para o imperador Kublai Khan. Para fundamentarmos essa reflexão no decorrer deste artigo teremos como referencial teórico Linda Hutcheon (1991), Zygmunt Bauman (2004), Antonio Candido (1995), entre outros autores.

Palavras- Chaves: Cidade, visibilidade feminina, imaginação, metáfora.

Abstract: This article proposes a reflection on the Symbol of cities in the work *Invisible Cities* (1990) by writer Italo Calvino. Based on this section, we will highlight the cities that are said to be invisible and that receive female names, and also literature as an escape for Emperor Kublai Khan. To support this reflection throughout this article we will have as theoretical references Linda Hutcheon (1991) Zygmunt Bauman (2004), Antonio Candido (1995), among other authors.

Keywords: City; female visibility; imagination; metaphor.

1 Introdução

As cidades invisíveis [1972] (1990) de Italo Calvino, editado no Brasil pela Companhia das Letras, com tradução de Diogo Mainardi, recebeu o Prêmio Jabuti em 1993 de Melhor Produção Editorial de Obra em Coleção. A obra narrada por Marco Polo descreve um total de cinquenta e cinco cidades, sendo elas: Diomira, Isidora, Doroteia, Zaíra, Anastácia, Tamara, Zora, Despina, Zirna, Isaura, Maurília, Fedora, Zoé, Zenóbia, Eufêmia, Zobeide, Ipásia, Armila, Cloé, Valdrada, Olívia, Sofrônia, Eutróbia, Zemrude, Aglaura, Otávia, Ercília, Bauci, Leandra, Melânia, Esmeraldina, Fílida, Pirra, Adelma, Eudóxia, Moriana, Clarisse, Eusábia, Bersabeia, Leônia, Irene, Argia, Tecla,

¹ Graduanda do curso de Licenciatura plena em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Pontes e Lacerda. Artigo elaborado à disciplina de Estudos literários: Literatura contemporânea – Sob a orientação da Profª Drª Madalena Machado. Email: viviane.brito@unemat.br

Trude, Olinda, Laudômia, Perínzia, Procópio, Raíssa, Ândria, Cecília, Marósia, Pentesileia, Teodora, Berenice.

Todas as cidades descritas por Marco Polo recebem nomes femininos e são apresentadas ao longo de nove capítulos que não recebem nomes, uma característica da própria escrita de Calvino. Cada capítulo descreve um total de cinco cidades, sendo os capítulos um e nove um total de dez cidades, e todas estão numeradas de um a cinco e distribuídas em onze grupos temáticos sendo: "As cidades e a memória", "As cidades e o desejo", "As cidades e os símbolos", "As cidades delgadas", "As cidades e as trocas", "As cidades e os olhos", "As cidades e o nome", "As cidades e os mortos", "As cidades e o céu", "As cidades contínuas", e "As cidades ocultas".

O livro é narrado por um jovem viajante veneziano de nome Marco Polo, que descreve para o imperador mongol Kublai Khan as cidades visitadas em suas missões diplomáticas. O veneziano transmite ao imperador todas as características de cada cidade, para que o Khan através de sua imaginação possa visualizar cada uma delas, já que ele não pode se ausentar do seu império. As descrições das cidades são tão ricas em detalhes que o imperador chega a dizer que o viajante está contando mentiras a ele, pois nenhuma cidade parece ser real, mas sim ilusões criadas por Marco Polo.

O foco a ser discutido nesse artigo, é o porquê de Italo Calvino ter escolhido nomes femininos para nomear essas cidades que são ditas como invisíveis, essa característica é o que chama a atenção do leitor. A palavra invisível significa algo que não se vê, ou seja, que se é despercebido, e que não importa porque é algo que não corresponde à realidade.

2 O relato das cidades

O livro *As cidades invisíveis*, apresenta os diálogos entre o viajante Marco Polo e o imperador Kublai Khan, o veneziano relata sobre cada cidade visitada durante as suas viagens, cada qual com seus detalhes e singularidades. Os nomes das cidades fazem com quem leu o livro se questione do por que Calvino utilizou de nomes femininos para falar de cidades que são invisíveis. O período de publicação da 1ª edição é datado do ano de 1972, época em que a participação das mulheres nas relações sociais não era muito apreciada, já que a sociedade ainda era muito machista, no entanto esse

preconceito vem se desfazendo com o passar dos anos, e atualmente as mulheres já conseguiram conquistar seu espaço em diferentes áreas sociais.

Ao observarmos sob um panorama histórico, o “Dia Internacional da Mulher”, só foi decidido que passaria a ser o dia 08 de março no ano de 1975 – três anos após a data de lançamento da 1ª edição do livro – data em que foi oficializada pela ONU (Organização das Nações Unidas). É muito comum relacionar a data 08 de março com o incêndio de uma fábrica ocorrido na cidade de Nova Iorque no dia 25 de março de 1911, onde aproximadamente cento e trinta mulheres morreram carbonizadas.

A forma como Calvino apresentou a mulher na obra *As cidades invisíveis*, foi uma maneira de enfatizar a sua invisibilidade ao longo da história e dar voz a elas por meio da literatura pós-moderna. O processo de enaltecer e atribuir valores às mulheres foi algo muito difícil devido à desigualdade de gênero, mas atualmente as mulheres já possuem o direito de fazerem suas escolhas sem grandes intervenções e estão conquistando o seu espaço em diferentes áreas sociais. Segundo Linda Hutcheon:

E, sem dúvida, a paródia passou a ser uma estratégia muito popular e eficiente dos outros ex-cêntricos - dos artistas negros ou de outras minorias étnicas, dos artistas gays e feministas - que tenham um acerto de contas e uma reação, de maneira crítica e criativa, em relação à cultura ainda predominantemente branca, heterossexual e masculina na qual se encontram. (Hutcheon, 1991, p.58)

A paródia como recurso de intertextualidade, funciona como um método muito eficiente para os ex-cêntricos – os que já foram minorias no meio social, sejam por questões sexuais, étnicas ou raciais – pois é quando conseguem se sobressair de uma forma humorística, e por meio disto dar voz a essas pessoas que estão nas bordas da sociedade, além de fazerem uma crítica a imagem masculina na sociedade, que é a figura do homem, branco e heterossexual.

Se observarmos sobre a perspectiva moderna, notamos que a sociedade era muito valorizada, todos os indivíduos tinham os seus papéis definidos no meio social, e somente os homens tinham voz e direito para exercer, e as mulheres tinham que se submeterem às coisas impostas pelo seu gênero, que eram cuidar da casa, do marido e dos filhos, sem questionamentos, já os homens o sustento de sua família. Segundo Zygmunt Bauman:

O ``relacionamento puro`` tende a ser nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, na qual se entra ``pelo que cada um pode ganhar`` e se ``continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem na relação`` (Bauman, 2004, p.52)

Com isso entendemos que a sociedade tende a ter seus relacionamentos sejam pessoais, familiares, ou de trabalho movidos na base do que o outro pode dar em troca e esses benefícios adquiridos são responsáveis pela durabilidade da relação. Quando se trata das mulheres, o perfil estético é o que chama a atenção, e os outros irão atribuir valor com base nessas características físicas, diante disso acontece a desvalorização de uma grande parcela de mulheres, as tornando invisíveis pelo fato de não corresponderem ao padrão estético imposto pela sociedade.

3 A imaginação e o humano nas cidades invisíveis

O imperador projeta as suas expectativas humanas nas cidades descritas pelo veneziano, já que ele não pode sair do palácio imperial, portanto o Khan pede para que Marco Polo continue a contar sobre as cidades, o imperador cria as imagens dos lugares para poder preencher os desejos que ele não pode alcançar. Da mesma maneira que o homem, que cria ilusões para poder alcançar os desejos que não pode. Segundo Calvino [1988] (1990) p. 99 ``Podemos distinguir dois tipos de processos imaginativos: o que parte da palavra para chegar à imagem visiva e o que parte da imagem visiva para chegar ao processo verbal``.

Durante o diálogo de Marco Polo e o imperador podemos afirmar que esses processos imaginativos ocorrem, porque o viajante necessita acessar a imagem dos lugares que visitou em sua memória para chegar ao processo de verbalização e o Khan através dessa verbalização vai chegar à imagem das cidades, dessa maneira saciando os seus desejos. Assim como o processo de contar uma história sacia o impulso das ilusões criadas pelo outro, a literatura é um meio de preencher esses desejos. Segundo Antonio Candido:

Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.(Candido, 1995, p.242)

O acesso à literatura é um direito de todos, como também uma forma do ser humano escapar da realidade, ninguém é capaz de suportar o real vinte quatro horas por dia sem se perder em algo que o faça fantasiar. Kublai Khan pede para que o viajante continue a falar sobre as cidades para que ele possa se desprender do seu cargo de imperador para que possa através dos detalhes dados por Marco Polo percorrer outros domínios – já que ele não pode se ausentar para visitar cada cidade por ser o imperador – por meio da sua imaginação.

No livro *As cidades invisíveis*, é de fácil identificação a diferença de classe social entre o veneziano e o Khan, o primeiro como subalterno e o segundo soberano. Portanto, Marco Polo tem sempre que atender ao imperador e responder aos seus questionamentos, já que se ele for contra as ordens do Khan – no caso o pedido para que ele continue a contar sobre os detalhes das cidades que ele percorreu – isso pode levar a interceptação de sua vida, ou seja, o poder que o imperador possui é grande o suficiente para fazer com que Marco Polo fale mesmo que relutante. Segundo Tzvetan Todorov:

Se todos os personagens não param de contar histórias é porque esse ato recebeu uma consagração suprema: contar equivale a viver. O exemplo mais evidente disso é o da própria Sherazade, que só vive na medida em que possa continuar a contar; mas essa situação é repetida incessantemente dentro do conto. (Todorov, 2003, p.105)

No exemplo de *As mil e uma noites*, trazido por Todorov, o ato de contar histórias atribuí para Sherazade mais um dia de vida, já Marco Polo, vive quase sob as mesmas circunstâncias que ela, – Shezarade sofria uma ameaça explícita enquanto Marco Polo nos permite a possibilidade de pensar sobre uma possível ameaça a sua vida – o viajante vivia os seus dias entretendo o imperador e saciando as suas curiosidades a respeito das cidades, ele nunca terminava o relato de todas as cidades em apenas um dia,

contava aos poucos sobre cada uma, com detalhes minuciosos para que o Khan pudesse ver cada uma delas através de sua imaginação.

As cidades descritas por Marco Polo eram tão ricas em detalhes que o imperador chegou a pensar que o veneziano estava a mentir para ele pois as cidades são incríveis demais, sendo que o império estava a apodrecer, e o viajante diz que em suas viagens ele procura os resquícios de felicidade que ainda existem, e não somente a escuridão que o rodeava. Marco Polo tenta através disso passar certo conforto ao imperador em relação ao seu império que está decaindo. Podemos encontrar no diálogo de ambos no trecho abaixo:

POLO: Que os carregadores, os pedreiros, os lixeiros, as cozinheiras que limpam as entranhas dos frangos, as lavadeiras inclinadas sobre a pedra, as mães de família que mexem o arroz aleitando os recém-nascidos, só existem porque pensamos neles.

KUBLAI: Para falar a verdade, jamais penso neles.

POLO: Então não existem.

KUBLAI: Não me parece ser essa uma conjectura que nos convenha. Sem eles, jamais poderíamos continuar balançando encasulados em nossas redes. (Calvino, 1990, p, 109).

Podemos perceber que a partir do meio do livro, no diálogo que está acontecendo entre o imperador e o veneziano, que eles não estão falando de cidades, e sim da existência humana, as cidades são apenas metáforas que ligam a cidade ao ser humano. Na conversa de ambos, o imperador diz que jamais pensa nos outros, e Marco Polo diz que então que esses outros não existem. O não pensar anula a existência do outro, mas o imperador diz que sem eles, o viajante e ele não estariam encasulados em redes.

Por meio do medo e do desejo se constrói as cidades, algo que está em constante transformação, assim como as vidas humanas. A cidade é um símbolo da comunidade dos homens. As cidades imaginárias de Marco Polo revelam aspectos de nossa alma humana que estão escondidos, essa é a significação deixada nas entrelinhas do livro. Segundo Michel Foucault:

Porém, a finalidade do cuidado de si, não o objeto, era outra coisa. Era a cidade. Sem dúvida, na medida em que quem governa faz parte da cidade, também ele, de certo modo, é finalidade de seu próprio cuidado de si e, nos textos do período clássico, encontra-se com frequência a idéia de que o governante deve, como convém aplicar-se a governar, para salvar a si mesmo e a cidade - a si mesmo enquanto parte da cidade. (Foucault, 2004, p.103).

O cuidado de si é o que garante a nossa existência, o imperador governa seu império para garantir a existência dela e também a sua como governante. Porém o império está a ficar doente, e Marco Polo diz que além de estar doente, o pior é que procura se habituar a essas doenças, ou seja, o imperador deixou de cuidar de si mesmo e assim também a sua cidade, cujo a si mesmo enquanto parte dela, já que a cidade e a existência humana estão interligadas.

4 Considerações finais

A leitura crítica de *As cidades invisíveis* (1990) de Italo Calvino, promove muitas dúvidas, como o porquê de Calvino ter atribuído nomes femininos para as cinquenta e cinco cidades – que de acordo com o título do livro são cidades invisíveis – que se observamos através de um panorama histórico em um período em que o dia 08 de março não era reconhecido como o Dia Internacional da Mulher, mas que trouxe visibilidade à mulher, que era vista como minoria na época. Calvino também fez o uso das cidades imaginárias como metáforas para remeter a existência humana, cuja cidade é um símbolo da comunidade dos homens, para assim revelar aspectos de nossa alma.

As cidades imaginárias narradas por Marco Polo são ricas em detalhes, que deixam o imperador e o leitor impressionados com o que ele fala, e tudo aparenta ser apenas invenções porque as cidades são muito belas para serem reais, mas isso é o que motiva o interesse do imperador a querer saber mais a respeito dessas cidades, e através disso nos é apresentando o desejo do homem em alcançar aquilo que não se tem.

O livro *As cidades invisíveis* como literatura pós-moderna traz muitos conhecimentos e para quem não o lê fazendo uma análise minuciosa deixará com que esses detalhes – que possuem grande sensibilidade – nas entrelinhas passem despercebidos. As cidades metafóricas condizem com a existência do homem como

sujeito em constante transformação, dessa forma nos trazendo uma compreensão maior sobre nós mesmos, bem como a sociedade como um todo.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. “Sobre a dificuldade de amar o próximo”. In: *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro. Ed., 2004.
- BBC News, “Dia Internacional da Mulher: a origem operária do 8 de Março”. Disponível em: g1.globo.com acesso em: 24/06/22.
- BONACORCI, Ricardo. “Livros: Cidades Invisíveis - A obra-prima de Italo Calvino” disponível em: www.bonashistorias.com.br. acesso em: 27/06/22.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CALVINO, Italo. “Visibilidade”. em: *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio, “O direito à literatura” em: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- FOUCAULT, Michel. “Aula de 20 de janeiro de 1982 - primeira hora”. em: *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. São Paulo: Imago, 1991
- LATERZA, Mariana Fonseca. “A cidade como ser”. Disponível em: artcontexto.com.br. acesso em: 25/06/22.
- TODOROV, Tzvetan. “Os homens - narrativas”. In: *Poética da prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.